

# UNIFICAÇÃO

ORGÃO DA  
UNIÃO DAS SOCIEDADES ESPIRITAS DO ESTADO DE S. PAULO - USE

Registrado no Departamento Nacional de Propriedade Industrial sob n.º 153.663, em 11-4-1956 e, de acordo com a Lei federal n.º 2.083, de 12-11-1953, combinada com o Decreto federal n.º 4.857, de novembro de 1939, sob n.º 1.214, no Cartório do 1.º Ofício da Capital.

N.ºs 53-54 — São Paulo — Agosto e Setembro de 1957 — ANO V

## Salve, 3 de outubro !

Há 153 anos, em 3 de outubro de 1804, nasceu em Lião, na França, o Missionário da III Revelação Divina — Allan Kardec.

A partir de 1857, desde o lançamento de "O Livro dos Espíritos", transformou-se Kardec numa progressiva integração missionária, até o seu regresso para os Altos Planos. Em doze anos, portanto, viveu Kardec todas as fases da redenção espiritual, em rápida sucessão, indicativa do roteiro que a Humanidade irá percorrer em largos ciclos, até a sua própria redenção. Tornou-se outro homem, desde que se ocupara com a restauração do Evangelho do Cristo. Retirou-se das ocupações de ordem pessoal e lançou-se à elaboração da nova Doutrina: elaboração paralela àquela que, por assim dizer, se processa na própria alma. Penetrara um mundo novo, povoado pelos Espíritos, cujas revelações lhe proporcionaram os fundamentos para a reforma espiritual da Humanidade. Kardec foi o exemplar reformador que se deu por modelo, vivendo em curtas fases os longos períodos que o homem comum irá experimentar. O impular lidador removeu camadas obscuras da alma milenar do Mundo, expondo ao Sol as erromias hereditárias sustentadas pelo poder do Egoísmo místico, coluna mestra do domínio das Trevas.

"Tens que revolver e formar o Mundo inteiro", são palavras textuais do Espírito de Verdade para Allan Kardec.



O Excelso Espírito não engana. Ele simboliza a Verdade. Ele representa, portanto, o Cristo de Deus.

Pela meditação galgamos o ponto alto do nosso entendimento para, superada a confusão exterior, poderemos avaliar a grandeza do Codificador, de quem se ocupara atenciosamente o divino Mestre, quando profetizou a vinda daquele a cujas mãos fora entregue o designio de restaurar todas as cousas.

Kardec empreendeu o imenso trabalho confiante no Senhor, pois contava com a Providência.

Nem a fortuna nem privilégios oficiais lhe foram apanágio. Pouco possuía além da robusta fé, comparada a uma muralha de aço por um Espírito. Alguns discípulos o rodearam para suavizar o cansaço do mestre. Os Espíritos do Senhor, entretanto, o assistiram de perto, pois contavam fundamentalmente com o seu gênio e talento e sua incomparável dedicação. E foi tudo.

O Mundo viu surgir os Livros que reintegraram ao patrimônio comum a Doutrina do Cristo que os séculos denegaram. As palavras de Jesus reviveram na Codificação para jamais serem alteradas. Ai estão elas integrais, limpidas e atualizadas segundo o critério científico, filosófico e moral, que os tempos novos exigem. Ai estão os ensinamentos de Jesus restabelecidos em "O Livro dos Espíritos", "O Livro dos Médiuns", "O Evangelho segundo o Espiritismo", "O Céu e o Inferno", e "A Gênese".

Interpretando Kardec a consoladora promessa de Jesus, entregou ao homem o manancial divino, para que fique com ele eternamente: antes, durante e depois da sua redenção espiritual, porque a Verdade foi, e é e será sempre a Verdade.

## O TRÊS DE OUTUBRO E SUA SIGNIFICAÇÃO TRANSCENDENTAL

ABRAÃO SARRAF

Nós, os espíritas, que abraçamos decididamente as obras fundamentais do Espiritismo — o manancial de origem divina — inscrevemos o Três de Outubro em seguida ao Vinte e Cinco do Dezembro, baseados na estreita relação entre os ensinamentos e objetivos contidos nos Evangelhos e na Codificação kardeciana.

A obra, o caráter e as constantes preocupações do Codificador refletem a obra, o caráter e as constantes preocupações de Jesus.

A essência dos ensinamentos do Cristo transplantou-se para a Doutrina dos Espíritos, que Allan Kardec codificou, viveu e a que deu vida fecunda.

"Passará o Céu e a Terra, mas as minhas palavras não passarão", disse Jesus. Esta declaração revela o seu altíssimo grau de previdência. Eis por que, não escrevendo no papel o Evangelho, inscreveu-o nos corações dos homens, para a elaboração lenta e profunda, evoluindo por etapas existenciais, em sucessivas encarnações, até a maturação.

Nova manifestação divina haveria de envolver a humanidade para a consolidação do avanço alcançado. Para tão amplo e complexo projeto o Cristo dispôs dos seus leais e hábeis colaboradores, a si ligados por fideis desempenhos de inúmeras missões, através dos tempos.

Examinando a missão de Allan Kardec percebemos desde logo que ela está ligada ao seu passado glorioso, pelo qual fixara jus à mais sólida confiança. Jamais fora Kardec um improvisador. Os Espíritos o despertaram na hora de retomar a tarefa, em nova fase, mas de remota determinação e para a qual se preparara maduramente.

Quais os princípios que se lhe apresentaram para que os tomasse como base na sua nova tarefa, senão a Imortalidade, a Evolução, a Reencarnação, as Leis Morais, os dons espirituais, a idéia magna de Deus, a pluralidade dos Mundos habitados... Pois foram esses mesmos princípios que ocuparam a atenção do Cristo, que refletia a vontade Divina.

A referida conexão de datas será por certo adotada pela Humanidade, como chave para a compreensão do plano orientador da evolução espiritual, quando vier a libertar-se o homem do milenar domínio das trevas e compreender com profundidade estas proféticas expressões do Cristo: "E eu rogarei ao Pai e ele vos dará outro Consolador, para que fique eternamente convosco"; "... esse vos ensinará todas as cousas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito".

Lembrar-se de tudo o que Jesus disse equivale a restabelecer o Evangelho no seu sentido original, ainda antes de ser escrito, isto é: conforme o seu ensino oral. (Mais profundamente, conforme o pensamento de Jesus, que a linguagem humana e as motivações da época delimitaram).

Foi nesse sentido que o Mestre fez importante declaração perante os três discípulos — Pedro, Tiago e João — quando de sua transfiguração e aparecimento de Moisés e Elias, em Espírito. Ainda sob a forte impressão produzida por fatos tão extraordinários, o Mestre dirigiu aos dignos discípulos a profética declaração: "ELIAS CERTAMENTE HÁ DE VIR E RESTABELE-CER TÓDAS AS COUSAS". Após tão incisivas palavras anunciadoras de um futuro acontecimento, voltou-se o Mestre a esclarecer os discípulos estupefatos sobre a recém-passada vinda de Elias, na pessoa de João Batista, em afirmação veemente da lei de Reencarnação.

Dessa forma ficou estabelecido o ponto de referência para a identificação futura do alvitreiro acontecimento que iniciaria uma nova era. Segundo esse pensamento o Elias, que não foi reconhecido no Precursor do Messias, fora escolhido para o desempenho da destacada missão de, certamente

reencarnado, RESTABELE-CER TÓDAS AS COUSAS.

Nas duas marcantes missões esse magnífico Espírito portou-se magistralmente, primeiro como o Profeta Elias escudado pela Fé no Deus e depois como João Batista, o qual proporcionou a Jesus o ambiente propício para o início de seu messianato.

Outrora o judaísmo relutara em reconhecer em Jesus o Messias anunciado pelos profetas, desde Moisés até Malaquias, indicando este claramente a sua identificação, pois falor da nova vinda de Elias como o anunciador do Cristo. Tanto o Precursor como o Messias tomaram corpos humanos e viveram entre os homens. Nasceram de famílias virtuosas, piás, insuspeitas para a sociedade e perante a Igreja. Foram desde o nascimento envolvidos por circunstâncias especiais, de molde a chamar a atenção das autoridades religiosas para o reconhecimento de Elias no Batista e do Cristo em Jesus, filho de José.

A vida e a obra de ambos revelaram os seus nobres títulos.

Tiveram eles os testemunhos nos seus discípulos e nos seus beneficiados, que se contavam por milhares. Fixaram jus ao conteúdo das Escrituras. Multiplicaram-se os feitos extraordinários por parte de Jesus, evidenciando o divino poder, ao passo que João o anunciava como o Messias, pois para isso havia nascido. Tiveram, alfin, elementos comprobatórios da Verdade.

Porém, perturbaram-se os Sacerdotes diante da humildade de Jesus e da rudeza do Batista. E negaram-nos e repudiaram-nos.

Não estão os atuais representantes da Igreja romana igualmente distraídos a respeito de Allan Kardec, o restaurador do Evangelho, o Missionário da Terceira Revelação Divina? Se bem o examinarem, não verão o Homem reto, sábio, austero, lúcido, dotado de altíssimo senso humano e espiritual, responsável, iluminado, devotado até o sacrifício à causa do Evangelho e, chamado pelo Senhor, entregou-se inteiramente ao ingente trabalho, todo ele refletido no pensamento do Cristo e voltado para a iluminação do homem. Atentem à sua Obra.

Kardec extraiu a substância do Evangelho através das divinas Mensagens que o Cristo lhe endereçara pelas mãos dos celestes Mensageiros.

Por que não reconheceram ainda o Enviado do Senhor? Não foi Kardec apontado pelo Espírito de Verdade como o Missionário, a quem coube "restabelecer todas as cousas", consoante o anúncio de Jesus?

Na verdade ninguém no Mundo fez tudo isso senão Allan Kardec. Seu nome jamais poderá ser substituído por outro, para dar sentido àquelas palavras de Jesus, registradas pelos evangelistas Mateus (17-11) e Marcos (9-12).

Talvez se perturbara a Igreja de Roma por não ter sido Kardec um padre. Fôra ele homem simples, pobre, vivendo do próprio trabalho de professor ou escritor. Perturbou-se pela humildade de Allan Kardec, certamente. Como João Batista, preferiu Kardec, por coerência, servir a Deus sem batina.

O Codificador não foi nobre nem rico, não possuiu ouro nem palácio. Kardec foi mestre. Seguiu o exemplo de Jesus, que também não possuiu ouro nem palácio, e foi Mestre. Isso confundiu os desavisados sacerdotes do passado como os do presente. Outrora a Igreja judaica e hoje a Igreja romana incidiram no mesmo erro: Negaram a Verdade.

Concluída a Codificação da Doutrina, de natureza divina e sentido universal, retornando sem mácula ao Infinito e abrindo ao Mundo as portas da Eternidade, o Missionário mais uma vez ligou, para sempre e estreitamente, o seu nome ao de N. S. Jesus Cristo.

## CONTRADIÇÕES APARENTES

## PENAS ETERNAS

Luiz Monteiro de Barros

De tôdas as contradições aparentes entre os ensinamentos evangélicos e os do Espiritismo, a relacionada com as "penas eternas" é, sem dúvida alguma, a de maior importância e a que mais choca o estudioso tanto dos Evangelhos como do Espiritismo.

Apesar de haver, nos Evangelhos, passagens que, à primeira análise, sugerem a existência de penas sem fim ou de erros sem remissão, veremos, no decorrer destes artigos, que a doutrina que Jesus ensinou é bem outra; não inventaremos nada, não adulteraremos nada; apenas analisaremos, serenamente, os vários textos evangélicos relacionados com o assunto em pauta; a verdade, a verdadeira filosofia da vida de Jesus, ressaltará fácil e evidente do estudo comparativo das várias expressões e parábolas dos Evangelhos.

Antes de entrarmos nessa comparação de textos, ouçamos o que nos diz o erudito filólogo e eminente pastor protestante, Othoniel Motta, a respeito das duas expressões evangélicas que indicam "castigo". Em seu opúsculo "Pequenos estudos", 1.ª série, assim se expressa Othoniel Motta: "O Novo Testamento só atribui ao Deus do Cristianismo o emprego de "kólasis", castigo que visa à reforma e a melhoria do castigado. Não lhe atribui o castigo de "timoria" que visa ao desagravo da pessoa ofendida, e implica em certo elemento de vingança..... Costuma-se argumentar que no Novo Testamento, ao que parece, a distinção entre os dois termos havia desaparecido, como parece ter-se dado igualmente no grego profano. Mas os que assim argumentam se esquecem de que nesse nívelamento, se o houve, não foi "kólasis" que se revestiu da significação de "timoria", mas o inverso: "timoria" é que se atenuou, como no exemplo de Plátão, para se revestir com o significado de "kólasis". "Kólasis" continuou a ser "kólasis" na sua essência, o castigo para melhorar e não só para punir. E isso até que se prove o contrário". Citando e apoiando um parecer de H. Besseker sobre a maldade do castigo, diz Othoniel Motta:

"Todavia somos especialmente ensinados que não é o juízo, mas a salvação, o pensamento mais profundo de Deus com relação a humanidade" (João 11-17-Mat. 13-14, João 6-39 e Lucas 15)..... "E" em virtude disso que, das duas palavras que denotam "punição", "kólasis" e "timoria", disuntas no grego clássico respectivamente como medicinal e pena em seu propósito, a primeira é que foi preservada no ensino de Cristo". (Mat. 25-46). Pouco mais adiante diz Othoniel Motta: "As penitências modernas oferecem uma preciosa analogia. Nas antigas penitências, e com seus troncos, grilhões e cadeias, com enxovias escuras, sem ar e imundas, imperava a idéia de "punição", primava a idéia de "punir", não a de "melhorar" ou "restaurar" o criminoso. Penitências de timoria talvez pudéssemos chamar-lhes sem forçar a nota. As modernas, que refletem a glória de Jesus Cristo, são antes penitências de "kólasis", disciplinares. E quando a vontade rebeide do criminoso burla o intuito disciplinar, nem por isso ele deixa de existir. Cessa acaso o intuito disciplinar porque o Rei é indisciplinável?" Depois ele afirma: "Porque se esse castigo é disciplinar e vem depois do juízo, existe uma radiosa porta de esperança... Qual o intuito de uma disciplina onde não há esperança de restauração?"

O prof. Othoniel Motta mostra que no Novo Testamento só duas vezes se empregou o verbo *timoréo*, e foi Paulo quando, em Atos 13-4 e 5 e 26-9 a

11, falava do castigo-vingança que ele infringia aos cristãos quando era Saulo: "Persegui esse caminho até à morte, prendendo e matando em prisões tanto varões como mulheres, como o sumo sacerdote me é testemunha e todo o conselho de anciãos; e recebendo destes cartas para os irmãos, fui a Damasco para trazer manietados para Jerusalém aqueles que ali estivessem a fim de que fossem castigados". "E, havendo recebido poder dos principais dos sacerdotes, encerrei muitos dos santos nas prisões; e quando os matavam, eu dava o meu voto contra eles". E "castigando-os" muitas vezes por tôdas as sinagogas, os obriguei a blasfemar. Enfurecido contra eles demasiadamente, até nas cidades estranhas os persegui". E conclui então o prof. Othoniel Motta acerca dessas palavras de Paulo: "Vejam lá se com esses ensinamentos haveria lugar para "kolázo". Paulo sabia grego, e Lucas ainda mais".

Como se viu bem claro, esse castigo infringido por Paulo ou Saulo aos cristãos primitivos era bem traduzido pelo verbo "timoréo", que quer dizer castigo-vingança, verbo esse que, segundo o prof. Othoniel Motta, nunca foi usado nos demais textos evangélicos, sendo substituído pelo verbo "kolázo", que significa castigo que tem por finalidade, não a vingança do ofendido, mas o arrependimento e a reforma íntima do ofensor.

A respeito deste assunto são ainda do prof. Othoniel estas palavras: "Como é hedionda a fraude pia. E neste assunto (o das penas eternas) ela foi fecunda nas traduções do Novo Testamento". E continua logo adiante: "Estudemos hoje, serenamente, a decantada passagem de Mat. 25-46: E irão êstes para o castigo eterno. Começemos por apontar, mais uma vez, um pecaúlio da teologia, que em vez de "castigo", lêo o texto falar em "suplicio" ou "tormento", palavras que nunca estão unidas ao adjetivo "eterno" na linguagem do Novo Testamento. Guarde-se bem esta verdade. Esse proceder é irreverente e desonesto. E, desgraçadamente, não é caso singular, mormente nesta questão, como se viu". Referindo-se, por fim, ao testemunho de Giovanni Luzzi, o ilustre ministro vaidense que, segundo sua própria declaração, levou sessenta anos a estudar e a comentar a sua querida Bíblia, o qual não via no adjetivo "aiônios" (que significa eterno) do texto (Mat. 25-46) a significação de sem-fim, conclui o rev. O. Motta: "Em Giovanni Luzzi) tôda a razão e também aí não está só. Ao contrário, tem atrás de si uma chusma de autoridades maximas e a evidencia neotestamentaria".

\* \* \*

Antes de encerrarmos este primeiro artigo acerca do papitante e importantíssimo tema reterênis as "penas eternas" nos Evangelhos, convém transcrever estas expressões de Léon Denis, contidas em seu livro intuitivo "Cristianismo e Espiritismo": "O termo hebraico *aiam*, traduzido por "eterno", tem como raiz o verbo "aiam", ocultar. Exprime um período cujo fim se desconhece. O mesmo acontece a palavra grega "aión" e a latina "aeternitas". Tem esta como raiz, aetas, idade. Eternidade, no sentido em que o entendemos hoje, dir-se-ia, em grego, "aióios" e, em latim, "sempiternos", de sempre, sempre. As penas eternas significam então: sem duração limitada. Para quem não lhes ve o termo são eternas". Esta conclusão de Léon Denis é que reflete a verdade, como teremos oportunidade de verificar no estudo que ora encetamos.

(Continua)

## FATOS SOBRE AS OBSESSÕES

de Josephine Róssi  
Trad. de S. J. Haddad

Nota do tradutor:

A médium e dirigente espírita norte-americana, Sra. Josephine Róssi, que hoje vive em Puerto Rico, é figura notável pelo que nos tem chegado a seu respeito mediante jornais doutrinários neste país da América do Norte, em artigos de pessoas que testemunharam o seu trabalho naquela ilha do mar das Caraíbas. Praticante incansável da caridade, principalmente no tratamento das obsessões e perturbações de origem mediúncia, é ela considerada, pelos habitantes da região, como um socorro providencial que lhes foi enviado da América.

Consta que a sua mudança dos Estados Unidos para o Pôrto Rico, no ano de 1950, se deu pela influência dos Espíritos, que lhe fizeram ver a necessidade de servir naquela ilha. Até mesmo o local onde o Centro espírita hoje se encontra êles o haviam indicado, o que muito a surpreendeu, porque a região, ainda que bela, era distante e sem habitações próximas. Mas tudo se desenrolava com a maior facilidade, não tardando a erguer-se uma construção adequada e logo se vendo a médium em grande atividade de socorro aos necessitados. O artigo que segue, é de especial interesse por demonstrar que o assunto do socorro aos obsidiados e perturbados começa a merecer a atenção dos espíritos norte-americanos, que se têm até agora concentrado quase que exclusivamente no esforço de provar a sobrevivência da alma e no estudo dos fenômenos. Chamamos a atenção do leitor sobre o ponto de vista filosófico da autora, que vê na generalização das obsessões da nossa época um sinal evidente da aproximação de uma nova era para o mundo.

\* \* \*

Nos tempos presentes da vida na Terra, as forças da luz penetram a esfera consciencial da humanidade, fazendo com que os homens prestem maior atenção às coisas espirituais. É necessário que o homem seja informado das realidades da vida e essa maior dose de iluminação espiritual tem decido sobre o mundo, afim de que a humanidade possa melhor suportar os resultados desastrosos de sua indiferença pela necessidade de se iluminar enquanto habita o plano da matéria.

Muitos sentirão o impacto da luz que vem anunciar o advento da Idade Aquária; é o Cristo Eterico.

Este influxo de forças espirituais está ativando os centros psíquicos ou anímicos no homem, e neste processo de união dos dois planos, do espírito e da matéria, tem havido muitos choques e reações em vista de poucos se acharem mental e emocionalmente preparados. Muitos há que estão se tornando médiuns e alguns se obsidiando pelo efeito desses elementos etéricos de alta dinâmica. Daí a necessidade de nossa atenção! Devemos pensar seriamente, pois que, se isto não fizermos, uma situação triste afligirá as famílias e em cada família haverá os que apresentarão essas tendências mediúnicas.

Nos tempos apocalípticos presentes, muitos dos habitantes da Terra estão sendo influenciados por esta **conflagração de almas**, prêsas aos desejos terrenos e que tentam suggestionar e projetar fortes pensamentos e desejos nas mentes dos homens. A atmosfera da Terra está impregnada dessas entidades desencarnadas, que podem ser classificadas como espíritos relativamente bons, maus ou indiferentes. Alguns há porém que são de extrema rebeldia e maldade. Esses Espíritos permanecem no ambiente da Terra quase sempre por causa dos seus desejos e apetites sensoriais, de que abusaram quando encarnados, apetites êstes que continuam, após a morte, a exigir dêles a satisfação permanente. Não sabendo como sair da atmosfera da Terra, perambulam à procura dos ambientes em que vivem quando ainda encarnados, junto às pessoas de sua simpatia ou ainda com os seus desafetos (para satisfazer aos desejos de vingança) e se acostumam até a permanecer fruindo a mesma vida no lar e mque antes habitavam. A maioria destes Espíritos são os que convencionamos chamar de entidades **inconscientes**, por não procurarem a luz ou a salvação desse seu estado deplorável, ficando a perturbar as mentes dos homens que puderem atingir.

Sabemos que no plano astral é necessário **desejar-se** o auxílio para recebê-lo. Dê-se, porém, que, ao passarmos para a outra vida, levamos conosco um corpo astral que é uma duplicata do corpo que deixamos, corpo êsse depositário de todos os nossos desejos e inclinações. Veremos então que o mesmo livre arbítrio que exercíamos na Terra já não é mais do nosso domínio. Todos aqueles que na Terra não conseguiram aprimorar-se no seu corpo astral ou emocional tornar-se-ão, após a morte do corpo, escravos dos seus instintos mais inferiores na sua nova condição de vida astral, e assim permanecerão, até o início do processo de sua purificação. Somos portanto nós mesmos os criadores do nosso próprio céu ou inferno. Nestas condições, êses Espíritos portadores dos baixos vícios, tentarão satisfazer os seus instintos, aproximando-se de um corpo qualquer, de um indivíduo que lhes permitir o ingresso em sua aura.

Explicam-se assim as obsessões das bebidas alcoólicas, do fumo e do sexo e a intensificação da crueldade, da cólera, dos ciúmes, dos suicídios, da loucura e de muitos outros males de que a humanidade se fez herdeira. É bem freqüente se dar que um estado de cansaço físico não seja senão a presença de uma entidade parasitária a extrair daquele corpo a energia vital de que necessita para "viver". Muitos dos Espíritos presos à Terra se acham em estado de desespero. É também fato comum os Espíritos, que deixarem a matéria em estado de doença ou deformidade física, levarem estas condições nas suas mentes, vindo os mesmos males a se manifestarem no seu corpo astral.

Assim, êles permanecem presos à Terra pela sua própria ignorância, tornando-se errantes e vagueando pelas paragens terrenas onde habitavam, achando-se alguns em condições deploráveis e semi-conscientes. Vivem êses Espíritos em estado de solidão e raramente são maldosos. Não conseguem receber o auxílio dos missionários do Espaço, porque não os podem ver ou sentir, vivendo como vivem em um baixo teor de vibração. Estas são as **trevas exteriores** mencionadas no Evangelho.

Em o nosso trabalho com as entidades obsessoras, verificamos que quase sempre essas entidades não sabem que desencarnaram e para provar-lhes que, de fato, já "morreram", é um episódio comovente e, por vezes um tanto cómico. Recorrem êles ao argumento inútil (por meio do médium ou da própria pessoa obsediada) de nos querermos provar que não morreram. Não querem aceder ao conselho de "desejarem" ver algum amigo desencarnado, algum ente querido de seus parentes ou os Espíritos-Guidas que os poderiam auxiliar no reerguimento. Em regra, essas entidades não têm consciência de estarem prejudicando a pessoa que obsidiam. Só depois de hábilmente eludidas e orientadas por aqueles que, na Terra, estão aptos a trabalharem nesta tarefa de doutrinação, é que, finalmente, se despertam e compreendem o seu estado.

Embora possa estar presente uma legião de Espíritos benéficos, o desejo de ser auxiliado deve partir da alma em desespero e o grito de angústia, saído do coração, é a condição necessária para a conquista da liberdade e da luz. Isto feito, os Espíritos atrasados conseguem **eleva a freqüência da sua vibração, até o nível da dos seus Guias**, ficando aptos a vê-los, e podendo então ser assistidos pelos Missionários da Luz na marcha para um plano mais elevado onde receberão os ensinamentos das leis da luz espiritual. **Se tôdas as entidades desencarnadas pudessem ser removidas da atmosfera da Terra, a humanidade seria aliviada de um grande peso e muitos males que perturbam o homem deixariam de existir, advindo a paz e a harmonia sobre tôda a face da Terra.** (1)

(1) Quis evidentemente a autora, neste último parágrafo, por em destaque a necessidade premente do trabalho de doutrinação dos Espíritos sofredores que vivem presos às adjacências da Terra. A hipótese de se vir totalmente livre a Terra dessas entidades seria uma condição futura a que está destinado o nosso planeta e que se verificará à medida que os seus habitantes forem mais perfeitos, não mais necessitando das chamadas "tentações" dos Espíritos do mal, que vêm exercitar-nos a paciência e a vigilância, pondo a descoberto as nossas fraquezas, para que, sofrendo, as possamos reconhecer e corrigir. (Nota do trad.)

## Reportagem de Fernando de Lacerda

Mais familiarizado, atrevo-me a pedir o espírito de Eça de Queirós.

— Pode perguntar-lhe em que obra é que colaborei com êle?

O Sr. Fernando de Lacerda recolhe-se, aspira. Passam dois, três minutos... A pena resvala finalmente no papel:

"Espera, homem, estou a ver se me recordo".

— É fácil, explica-me o meu interlocutor, este esquecimento. Certos espíritos pairam em regiões tão elevadas que perdem a noção de coisas mínimas que com êles se passaram na Terra.

De rebus mínima non curant... spiritus!

Adiante. Falemos de Jornalismo. ... Pode chamar o Sampaio da Revolução?

— Experimentarei. Nunca consegui comunicar com êle.

— E Emídio Navarro?

— Só uma vez se pôs em comunicação comigo e mostrou-me desejos de que o deixasse em paz. Mas espere...

É um toque de chamada.

"Mariano de Carvalho".

É o padre-mestre do Jornalismo português que acode à chamada

— Quer mais alguma coisa?

— Nada. Estou satisfeito. As letras que eu conheço são perfeitamente exatas, sem lhes faltar o único herbeicho.

— Ai vem aínda outro...

É a frase fácil de Alexandre Herculano, sempre humorístico.

"Não. Não há. Eu estava insistindo para que fossem mais gentis com o visitante. Não querem, acabou-se".

Mostra-me o Sr. Fernando de Lacerda caixotes de originais, nas suas letras respectivas. Agora tem êle entre mãos o trabalho de Eça de Queirós, que está emendando por conta do autor. Vai já na sua 80.<sup>a</sup> meia folha de papel almaço, compactas. Garrett prometeu-lhe escrever uma obra no mesmo género das Viagens na minha terra.

— Quer crer que não conheço esta obra de Garrett? Nunca a li!

Hintze Ribeiro escreve amiudadas vezes a sua esposa, por intermédio do Sr. Lacerda.

— E o Buíça? Nunca falou com êle?

O Sr. Fernando de Lacerda tem um momento de hesitação.

— O assunto é muito escabroso como compreende...

— Mas já falou com êle?

Tudo eu sou ouvidos.

— Sim, o Buíça já falou comigo. Mas eu é que não o quero ouvir, não quero saber nada, nada.

— Ele insiste?

— Imensas vezes, para me fazer revelações. Fujo dêle como o diabo da cruz.

Eu é que não quero insistir e mudo de conversa. O Sr. Lacerda explica-me como trabalha. Ao princípio escrevia à sua secretária, mas como haja espíritos que o fazem estar muitas horas à vela, resolveu colocar uma pequena mesa junto da sua cama. Chega a casa e despe-se: se tem comunicação, senta-se e

escreve, escreve até apeteecer ao seu comunicante. Depois, enfia-se em vale de lençóis e dorme como um justo.

— Há momentos em que choro ou rio sem causa aparente; mas de repente, como se uma tesoura cortasse o fio das lágrimas ou a gargalhada, volto ao meu natural e continuo a minha labuta como se nada fôsse comigo.

Perguntará o leitor da Ilustração, no final dêste ligeiro artigo: "Mas o senhor acredita em almas do outro mundo?".

A resposta não é fácil nem cômoda.

Em primeiro lugar, o Sr. Fernando de Lacerda demonstrou, diante de mim, à minha vista, no seu gabinete de trabalho, em pleno dia nesta cidade de Lisboa ano da graça de 1908, que é um repentista admirável na confecção da prosa e mesmo do verso. — se eu aceito que êle me mistificou, fazendo-me crer em espíritos, ou almas do outro mundo, e não passando, afinal de contas, de um alegre farcista que se diverte com a humanidade. Por outro lado, se eu aceito ainda que o Sr. Fernando de Lacerda seja um crente absoluto no Espiritismo, um iluminado e, portanto, uma criatura cheia de nervos e histeria, teria de acreditar que o que êle escreve, no momento em que escreve, abstrai completamente a sua personalidade terrena, para só ficar, alada e misteriosa, a comunicação entre o espírito e o seu automatismo paciente e obediente.

Não julgo o Sr. Lacerda um Lewice Terrieux que ande a enganar as gentes com a sua maneira de ser sobrenatural, sendo simplesmente e muito tranquilamente um assíduo e ativo funcionário policial, um homem estimado, excelente chefe de família, um cérebro bem equilibrado.

Mas nesse caso, acredito eu que os espíritos falem com o Sr. Fernando de Lacerda? Meu Deus! A minha preparação não é suficiente para entrar na discussão, comigo mesmo que seja, sobre assunto tão cheio de escabrosidades e que tão grandes controvérsias tem levantado em todo o mundo. Conheço, muito de largo, por sobre êle ter passado como cão por vinha vindimada, o que, no Positivismo, diz Luís de La Penha, que se deve fazer para evocar a alma de um defunto, e depois, não foi nunca o meu forte nem a minha predileção o estudo do sobrenatural, que para o Sr. Fernando de Lacerda, que com os espíritos comunica muito mais rapidamente sem precisar de padre-nossos e ave-marias como o diz Luís de La Penha, é tão fácil como beber um copo de água. Seja como for, certo é que o autor de No País da Luz conseguiu chamar sobre si uma atenção demorada, complacente de uns, chocarreira de outros, crédula de muitos.

— Meu amigo, isto é para quem quiser acreditar. Não sou intrujão. Tenho em mim uma qualidade especial para poder exercer êste singular papel de intermediário? Eu mesmo não o sei. Limite-me a executar. Executo inconscientemente, como viu... O resto, que se riam, deixá-los rir...

É com um grande ar de franqueza que o Sr. Fernando de Lacerda me diz estas palavras, que não me atrevo a comentar nem a discutir.

J. S.

## O Espiritismo e a Reforma Científica, Filosófica e Religiosa da Civilização Humana

(Do temário das Comemorações do I Centenário do Espiritismo)

NELSON LÔBO DE BARROS

A Medicina, ao invés de preocupar-se apenas com o efeito, procurará curar a causa oculta que lhe escapou, restituindo o equilíbrio harmonioso ao espírito e consequentemente, às células, órgãos e sistemas do corpo somático.

A Psicologia, a Psicanálise principalmente, verá a preciosa contribuição de Freud alicerçar-se nas bases sólidas da lei de causa e efeito, e dentro do instituto das encarnações reajustadoras, erigirá edifício amplo, com ausência de labirintos científicos ou confusos silosismos.

Isso no que concerne ao futuro. A Genéologia deve-se os arcanos do pretérito, os avatares distantes, decifrar os paleontológicos os espóquios do passado: versículos bíblicos vão sendo melhor entendidos, e o véu do simbolismo oculto dilui-se na compreensão de que "a letra mata, o espírito vivifica".

Desprezando em suas perquirições científicas, a Física atinge com Einstein, a teoria do campo unificado, e alcançado o plano dos elétrons, nêutrons e prótons, passa para o campo do imponderável para o terreno das ondas, das vibrações, na seara da Metafísica.

Breve o religioso será ponto de apoio para a teoria científica e para o conceito filosófico. Destarte, em qualquer dos caminhos, não haverá atalhos ou desvios encapilhados ou precipícios, mas uma só estrada ampla, clara, aberta e luminosa, um cá triângulo de forças, com o vértice apontado para o Alto.

Não mais discordâncias, não mais conflitos estereis em campos opostos. Espíritos de retórica duales de hermenêutica, conflitos de estilística, tabulados de lutas inífeis, arenas de discussões inócuas, converter-se-ão em dolorosas reminiscências históricas, ásperos capítulos da evolução mental humana.

Então a humanidade possuirá uma ciência mística e arejada, impregnada de "religiosa", a filosofia espariar-se-á nos seus variados campos espalhando Ética, distribuindo Moral, e a religião científica completará a harmonia do pensamento humano, agindo todos êles como autênticos vasos comunicantes, com interdependência de explanações, focalizando os ângulos distintos de suas respectivas searas.

Liberdade, trabalho, tolerância, solidariedade conjunta e recíproca.

Em breve síntese, em rápidas pineladas, o quadro esplêndido que nos cabe atingir.

E não nos esqueçamos de que, dentro dessa perspectiva maravilhosa, dentro da missão relevante que cabe ao Espiritismo na renovação científica, filosófica e religiosa de civilização humana, grande oportunidade está reservada ao Brasil, que na expressiva e feliz frase de Humberto de Campos, deverá ser "o coração do mundo, a pátria do Evangelho".

Oxalá, nestas décadas futuras, prosiga cada vez com maior penetração, perseverança e intensidade, o admirável trabalho da unificação dos espíritos, ensejando clima propício à confirmação ampla, à afirmação pujante, de uma esplêndida arrancada no mundo das idéias, no mundo do pensamento criador, a beneficiar daqui, evangélica, científica e filosoficamente, todos os paralelos e meridianos da Terra.

I N D Ú S T R I A S S A N S Ã O S. A.  
 ESCRITÓRIOS E FÁBRICA  
 SUA contribuição RUA DAS JUNTAS PROVISÓRIAS, 1027 — TELEFONES: VENDAS 63-2367 — GERÊNCIA 63-5101 (Rêde Interna)  
 CAIXA POSTAL, 12.345 — END. TELEGRÁFICO "SANSÃO" — SÃO PAULO

pró-  
Unificação

# ESPIRITISMO COMO FILOSOFIA

EUGÊNIO C. MONTEIRO

(Do temário das Comemorações do I Centenário do Espiritismo)

"Sê ponderado e não te preocupes com que sejam bons ou maus os mestres de filosofia. Esforça-te por examiná-la bem e sinceramente; se for má, procura arringar todos os homens da mesma, mas se for o que acredito que ela é, segue-a, serve-a e regozija-te". Sócrates a seu discípulo Críton.

A Codificação de Kardec vem há muito influenciando a mente humana, fixando novos rumos à Ciência, à Religião e à Filosofia.

Se, dentro do campo científico, essa influência não ocasionou uma quase total modificação nos seus quadros gerais, isto se deve mais à influência dos interesses de classe, do que propriamente aos princípios de toda a Ciência, pois que à Ciência cabe a tarefa de pesquisar no terreno concreto, objetivo, partindo do plano funcional em busca do plano causal, a fim de tornar conhecidas as bases processuais do grande mecanismo em que se agita o eterno vitalismo criador.

A Religião tem resistido da mesma forma à influência da Codificação, mais pela infidelidade daqueles que, aferrados a dogmas, procuram fascinar sentidos, ao invés de edificar sentimentos, contravendo assim os princípios morais da Religião, a ponto de a transformar nessas colossais vitrinas de futilidades simbólicas e obscuras.

A Filosofia, pela sua posição vanguardista nas grandes conquistas do pensamento, tem sido entretanto a mais incompreendida feição da obra Kardeciana, porquanto a grande confusão estabelecida no pensamento contemporâneo, pela influência de grande número de ensaios constituídos em escola, destruiu, por assim dizer, os alicerces estáticos da Filosofia, outrora lançados. Perdeu-se, dessa forma, o equilíbrio da diretriz para o dinamismo do pensamento, dentro da Filosofia.

Trocou-se a sôbria Sabedoria pela erudição enciclopédica. Inverteram-se os pólos que norteavam o pensamento para as altas regiões da síntese e da Filosofia, a qual hoje conduz geralmente a mente humana ao mais confuso campo da especulação improdutiva!

A Codificação não é geralmente aceita no seu aspecto filosófico porque não possui alimento que satisfaça ao dilettante da palavra. Não serve para especulações desordenadas. Não tem fogos de artifício. Não tem empolamentos dialéticos.

A cultura moderna não encontra na rigidez sôbria da Codificação largas margens para os aparatos intelectuais.

A Lógica desta Codificação não agrada à especulação, porque vai muito rapidamente ao fim e deixa sem palavras o delírio das interpretações.

A Razão é solicitada como um imperativo e, diante de sua austeridade, aprumase a inteligência, forçada a abandonar os ziguezagues a que se habituara, pelo desregramento e o uso de uma falsa liberdade. Da mesma forma, perde o conceito autoritário, ríspido e duro, porque, dentro do equilíbrio a que se submete para não perder a noção exata de si mesma, a Razão busca a Verdade dentro da mais absoluta Estética espiritualista, descortinando atrás e adiante do dia de hoje o passado e o futuro encadeados ao presente, na feliz teoria reencarnacionista.

Lógica e Estética, projetando clarões de luz sobre o mais grave e difícil dos problemas humanos — a Conduta — interpretam uma Ética límpida e sem exclusivismos, dentro da qual os homens resumem toda a Sabedoria, decantada pelo mais homem de todos os deuses e pelo mais deus de todos os homens — o Cristo da Galiléia, JESUS!

Prova da existência do Espírito, a sua sobrevivência com a conservação da personalidade, tem o Espiritismo a supremacia, dentre todas as escolas filosóficas, porque, para a sua Filosofia, o Espírito não é uma hipótese ou um dogma, mas uma certeza, obtida aliás com o rigorismo da prova e contraprova! "O Espírito não é, pois, um ser abstrato, indefinido, só possível de conceber-se pelo pensamento. É um ser real, circunscrito, que, em certos casos, se torna apreciável pela vista, pelo ouvido e pelo tato".

Sua Filosofia não podia deixar de ser espiritualista. Mas é espiritualista porque tra-

ça novos rumos para o Espírito, não perdendo tempo com as abstrações metafísicas, sobre a sua natureza e origem, em tentativas de explicações impossíveis.

Para o Espiritismo existe o Espírito e, provado isto, resta construir uma Filosofia simples e acessível às mentes comuns, capaz de conduzir a premissa aceite a conclusões condignas e úteis ao próprio Espírito.

A Filosofia da Codificação não especula em torno da realidade do Espírito, apenas procura modelar-lhe a personalidade, para que essa realidade tome os aspectos mais elevados, na sua feição intelectual e moral. Não pretende destrinçar o princípio da realidade do Espírito, mas definir rumos para essa realidade.

A Filosofia da Codificação, dirigindo-se ao Espírito, fala ao homem, porque, para ela, o homem é o Espírito mesmo, sob um transitório condicionamento. Traçando rumos ao Espírito, modela o homem pela auto-educação. Instruindo o Espírito, dá a autoconsciência ao homem. Finalmente, integra o homem em si mesmo, aproximando-o do estado de Sabedoria, enaltecido por Sócrates: o conhecimento de si mesmo!

Três coisas constituem as bases estáticas da Filosofia: LÓGICA, ÉTICA e ESTÉTICA. Uma dessas três bases é incapaz, por si só, de definir Filosofia, ou demonstrá-la.

A Lógica, só por si, não poderá colocar o Espírito em vibração com a suprema aspiração da Filosofia — O ETERNO BEM!

A Estética não pode, por sua vez, compreender toda beleza que atrai a Filosofia — A ETERNA HARMONIA!

A Ética não pode absolutamente erguer-se a caminho do ideal, sem os ditames da Razão — Lógica — e sem o equilíbrio da Harmonia — Estética!

O erro da Filosofia escolástica tem sido exatamente deixar cada filósofo, impresso em cada obra, o exclusivismo de sua personalidade, tendente sempre a desagregar e isolar os prismas da Filosofia.

Essa a origem da Filosofia decomposta, essa contemporânea Filosofia que, incapaz de sustentar-se sózinha, vive dos esbarros e empurrões, arrimada, ainda, assim, aos sôbrios Sábios dos primeiros tempos.

A Codificação de Kardec apresenta o seu conjunto tão estreitamente ligado, que Lógica, Ética e Estética não podem de forma alguma sofrer isolamentos, ainda que temporários.

É um bloco!

A Codificação traça, no seu simplismo, os três caminhos pelos quais o homem deve desdobrar o seu Espírito: a RAZÃO, a VIDA ETERNA e a CARIDADE!

A Razão, dominando todos os problemas, dirigida para todas as direções, estabelece o paralelo nas coisas criadas, abrindo à inteligência uma nova era de solidariedade universal, desde o Incrindo à Criação. O homem coloca-se dessa forma no seu verdadeiro degrau, não sendo, como querem alguns, um complexo mecânico atirado à vida, entre as engrenagens fatalistas da biologia, nem tampouco um ser à parte, sobre o qual se jogam as cartas caprichosas dos deuses, na eterna ceifa das almas, para os seus celeiros infernais ou paradisíacos.

A Razão está no homem, para o homem pertencer-se, governar-se e caminhar pelo seu pé: olhar para cima e aspirar ao Progresso; olhar para baixo e exortar ao Progresso; olhar para si mesmo e constatar o Progresso!

Pela Razão, o Espírito domina as situações particulares a que o homem se condiciona no decurso da experiência, aprendendo assim a dirigir-se, em busca da Conduta Ideal.

Espinoza dizia: "A ação instintiva é uma resposta parcial que se dá ao problema suscitado, enquanto a ação racionada é a resposta cabal a todo o problema".

De fato, a Razão, na sua mais alta expressão, pode ser considerada a conquista mais bela do homem e apresenta mesmo o equilíbrio da inteligência.

A Filosofia grega dizia: "A vida é um dom da natureza, ao passo que uma vida bela é um dom da Sabedoria".

A Razão subordina e governa a inteligência, porque, enquanto esta tudo inves-

A Codificação de Kardec coloca a Razão em primeiro plano; mesmo acima da fé, porque, em Filosofia, a Lógica é bem a pedra angular para a edificação do homem-espírito!

De fato, o traço forte que assinala toda a obra de Kardec é o racionalismo, mas onde está a mais forte afirmação a esse respeito é precisamente na obra fundamental: "O LIVRO DOS ESPÍRITOS". No 6.º parágrafo dos Prologômenos, lê-se: "Este livro foi escrito por ordem e mediante ditado de Espíritos superiores, para estabelecer os fundamentos de uma Filosofia racional, isenta dos preconceitos do espírito de sistema".

Esta afirmativa, que é por si só digna das melhores considerações, encontra, já no fim da mesma obra fundamental, uma outra afirmativa que não só a reforça, como até a estabelece em definitivo: "Falsíssima idéia formaria do Espiritismo quem julgasse que a sua força lhe vem da prática das manifestações materiais, etc. Sua força está na sua Filosofia, no apelo que dirige à Razão, ao bom senso".

E, pois, bem claro o princípio Filosófico (Lógica), no todo da Codificação. Pode dizer-se mais: Toda a obra de Kardec repousa sobre esse princípio e não se pode, em verdade, conhecer Espiritismo sem cultural, no mais alto grau, o racionalismo equilibrado, a Razão, a Lógica, enfim.

"A ÚNICA FÉ INQUEBRANTÁVEL É A QUE PODE ENCARAR A RAZÃO FACE A FACE, EM TODAS AS ÉPOCAS DA HUMANIDADE".

A Estética — ou seja o ideal da beleza — encontra também a mais clara definição na obra de Kardec.

A própria lógica não perturba a beleza de seu idealismo profundo, antes lhe empresta um realismo tão flagrante, que, não raro, inflama o indivíduo, e ele começa a concretizar a beleza, na sua ação quotidiana.

As concepções moralistas são de tal forma influenciadas pela Estética da doutrina, que se nos apresentam com o fascínio absoluto de um imperativo.

É o sentimento estético que atrai o espírito humano para a doutrina, porque a alma é a eterna enamorada da beleza. E, na Codificação de Kardec, tudo é belo, desde a própria Lógica equilibrada, em cujo fundo brilha a Eterna Verdade — Deus — sob novas formulações, até à verdade relativa, que é a Sua criação e o próprio homem.

A Estética da Codificação não busca a definição do Belo. Demonstra-o; ressalta-o; prova-o; exemplifica-o; torna-o real!

Kardec não exalta o Belo. Edifica-o!

Há, entretanto, em todo o corpo da Doutrina, um postulado, no qual se firma para o Espírito o princípio filosófico (Estética), com particular brilhantismo e que, bem podemos dizer, equivale ao desbravamento de uma nova era de eterna beleza: A REENCARNAÇÃO!

Todo conceito de beleza, possível até Kardec, estava condenado irremediavelmente à morte!

Todo sonhador do Belo sentia, no fundo de seus sonhos, a frieza tétrica do túmulo! As artes tentaram vencer o horror da morte, pela conquista da imortalidade, mas, nos seus maiores esforços, não ultrapassaram os mármore e as telas, as melodias e as rimas. Na alma do artista, sempre havia a nota dissonante desferida pela mão impiedosa da morte, a eterna destruidora dos seus anseios mais belos!

Por mais alto que o homem erguesse o vóo da imaginação, voltaria sempre a terminar inerte, impotente, para o banquete solitário das necrópoles!

A Reencarnação, entretanto, demonstra que o Supremo Esteta, o Artista Absoluto, não poderia modelar, na Sua imensa Obra, algo que não fosse essencialmente Belo. Assim, belo é o homem e belo é o seu destino!

Faltava-lhe o discernimento preciso para compreender-se a si mesmo, em essência, e capacidade para antegozar esse grandioso destino.

Imortal, por essência, e evolutivo, por natureza, o homem sonhava com essa imortalidade e com essa evolução, mas não podia concebê-la.

A Reencarnação abre-lhe, de par em par, as portas da imortalidade e mostra-lhe tática, tudo penetra, tudo busca, aquela clássica, escolhe, aceita ou rejeita.

A Razão é, pode dizer-se, o apanágio do homem mentalmente evoluído, intelectualmente equilibrado. Ela é a magnífica beleza do seu destino evolutivo. E, assim, a Arte para o homem não é mais o sonho do poeta, nem a visão do pintor. Não é a exaltação plástica do escultor, nem as sonoras melodias do músico. A Arte é a própria Vida, e ele vê-a em si mesmo; e louva-a; e canta-a; e exalta-a; e ama-a; e vive-a como artista de seu próprio futuro, que é o futuro de seu próprio Espírito!

E Espírita é o artista de si mesmo, quando diz: "NASCER, VIVER, MORRER, RE-NASCER AINDA, PROGREDIR SEMPRE, TAL É A LEI".

—:o:—

Sobre a Ética, muito se tem escrito. Os códigos de moral multiplicam-se diariamente. Cada povo, raça, continente, agremiação humana tem a sua moral concretizada nos seus códigos civis — regulamentos destinados a impor os limites marginais da conduta.

Cada povo, raça, continente, agremiação humana tem a sua religião.

A Ética é, pois, geralmente, particular a cada região e agrupamento humano, o que é contrário ao bom senso filosófico, que nos diz deverem os homens ser regidos pelas mesmas leis, ou melhor, que só pode existir UMA Ética Universal e Eterna e que tudo mais serão experiências e tentativas para a concretização dessa verdadeira Ética.

Mas há mais: os homens têm sempre limitados seus passos na vida coletiva.

E no domínio do seu próprio Eu, da mesma forma, têm o governo que lhes fornece a crença adotada. A conduta objetiva ou subjetiva rege-se geralmente pelas restrições ou proibições que aceitamos ou somos forçados a aceitar.

É isto uma Ética de coação, logo não se pode classificar como uma Ética realmente filosófica. É antes uma Política, ou melhor, um ensaio de Política. Quando cada indivíduo houver absorvido uma suficiente dose de Ética, então a generalidade nos dará ensejo de presenciar a Política filosófica, da qual estamos ainda bem longe, a despeito das grandes conquistas nesse terreno, nos últimos anos.

A evolução da Ética tem sido, pode dizer-se, a própria história da evolução das civilizações.

Começa por um estreito círculo onde mal se pode vislumbrar um raio de liberdade, porque tudo é escravidão. Alarga-se e estende-se, passo a passo, até nossos dias, nos quais cada indivíduo é relativamente soberano, pelas relativas liberdades de que goza no seio da coletividade.

A princípio, a Ética era a vontade do senhor e sofria as restrições que o capricho ditava ao cérebro do dono das glebas e seus habitantes.

Hoje os homens estão a coberto dos caprichos da autocracia e a Ética é asfixiada de acordo com a vontade e o entendimento geral nos códigos civis e nos legislativos.

No fóro íntimo, o mesmo estreito círculo a princípio. A voz de um profeta conchinha as multidões. Fascinavam-se os homens com o nome dos deuses os mais prodigiosos: Iracundos, a consumir almas rebeldes, magnânimos, a proteger os seus vasos.

Atualmente, já os profetas não ousam ameaçar os homens, nem os contém. O método foi substituído pelo respeito, em alguns, e pelo ceticismo, em muitos. As hostes dos fiéis vão diminuindo. Desmoralizam-se de público os mais santos sacerdotes...

A Ética cifra-se na Lei, mas esta é muda e cega e, quando lhe convém, muda o curso à Justiça e cega os olhares retos dos juizes...

É que o homem, por inteligência ou instinto, vai libertando-se de todos os cativos, mas, quando conquista uma liberdade, não sabe geralmente usá-la e erra, caindo na escravidão, novamente.

(Continua na pág. 5)

# BREVE DIGRESSÃO EM TÔRNO DA FUNÇÃO SOCIAL DO ESPIRITISMO

(Do temário das Comemorações do I Centenário do Espiritismo)

Dentre os temas distribuídos a estudo pela U. S. E., para este momento histórico da comemoração do primeiro centenário da codificação do Espiritismo, o que mais me empolgou foi o relativo à sua função social.

Pretendi desenvolvê-lo; mas os assuntos por ele abrangidos se me revelaram tão múltiplos que acabei conformado em escrever, apenas, uma leve dissertação, contendo somente o que me pareceu menos sujeito a contradição.

De todos os tempos e crenças, embora na aparência mais entrecrocadas, se revela a propensão do homem para realizar uma estrutura social capaz de assegurar-lhe um convívio pacífico, através do qual o "bem estar" geral seja o fundamento indestrutível do aperfeiçoamento das suas inatas tendências de espiritualização.

Bibliotecas se acumulam, com as obras dos mais notáveis pesquisadores, onde o registro e a interpretação de remotíssimas práticas humanas

espancam qualquer dúvida sobre a propensão progressista do gênero.

Desde a hora em que o homem descobriu a utilização de suas próprias mãos, que conseguiu articular sons inteligíveis para o seu semelhante, que, com estes, transcendeu a designação das coisas materiais em seu tórno e conformou, por imaginação, idéias sobre o imaterial, a crença na sobrevivência não mais perdeu a sua qualificação de fundamento motor do progresso humano.

Poder-se-ia citar um considerável número de autores, dos mais destacados pesquisadores da origem e evolução do gênero humano, confirmando a feliz sentença de JOHN MURPHY, professor de religiões comparadas na Universidade de Manchester, estudando a religião do homem mustertiano: "... inúmeras analogias posteriores, persistentes nas épocas civilizadas, testemunham a crença em uma vida de além-túmulo, perfeitamente razoável de se atribuir aos povos primitivos".

Incontestável, temos, com apoio no autor acima citado, que: "O fato central da religião outro não é que uma rudimentar crença na realidade invisível, crença que podemos repartir nas três rubricas: 1.ª) em um mundo invisível, principalmente criado e apoiado nos sonhos, em que o morto desempenhava papel impressionante; 2.ª) em um poder invisível, próprio das coisas que são do mesmo tempo impressionantes e misteriosas, comportando um estado de sensações ou sentimentos diferentes dos que experimenta o homem ante os poderes por ele empregados para fazer ou manejar seus utensílios e armas, bem como exercer outras atividades de sua vida normal; e 3.ª) na existência do morto, continuando em um mundo que não se vê — no qual se torna suscetível de poderes sobre-humanos ou sobrenaturais".

Seria irrealizável, talvez, um trabalho destinado a registrar, desde tão remota antiguidade, a função exercida sobre a estrutura social, em todos os tempos e através de todas as concepções religiosas, pela indestrutível crença na sobrevivência do ente humano.

Que a ela tenham dado tais ou quais interpretações, que se lhe tenha atribuído benefícios ou malefícios, que em favor ou contra o homem materializado agisse tal crença, serão outras tantas teses, já tratadas ou desafiando conclusões dos estudiosos; fique, entretanto, assentado que quanto mais o homem contemporâneo se mostre capaz de conhecer o primitivo, tanto mais se lhe afirmará a essencialidade espiritual de sua própria natureza.

E é com esta confortadora certeza, indestrutível para o espiritista, de que o homem não está na ocasionalidade de sua manifestação material, terrena, transitória, mas na essencialidade espiritual, e, por isso mesmo, eterna, que devemos enfrentar o tema da função social do Espiritismo.

A razão das preliminares acima postas é que, sem forte convicção do que o homem, intrinsecamente seja, o tema ora em apreço poderia ser considerado temerário, dado o multilítero esforço despendido, através das mais variadas civilizações, para a implantação de uma estrutura social capaz de responder ao ideal humano, mais ou menos intensamente preocupando todos os indivíduos.

Impõe-se, a quem o pretenda tratar, a observação, mais ou menos especiosa, do panorama social moderno; tarefa, sem dúvida, muito superior a qualquer capacidade de síntese, além de travada pela infinidade de primas a que pode ser arrastado o observador.

BERTO CONDE

Não escrevêsemos para espíritas, capazes de magnanimamente desculparem erros e lacunas, desistirmos de discorrer sobre o tema escolhido, pois antes que alguém possa ler o nosso trabalho, somos o primeiro juiz a proclamá-lo incompleto. Tentaremos, pelo menos em seus aspectos mais salientes, traçar um panorama da sociedade moderna nara, em seguida, discorrer sobre o aperfeiçoamento que lhe pode trazer o conjunto das convicções espíritas.

Embora o homem esteja, presentemente, servido de um adiantamento técnico e científico há bem pouco considerado utópico, criando-lhe facilidades de sobrevivência não conhecidas por gerações dos nossos próximos antepassados, todo dia é ele sacudido dos mais legítimos terrores e incertezas sobre o dia de amanhã. Quando, no curso de humanidades, nos fizemos estudar a História, e nela se nos descreveu a Guerra dos Cem Anos, pensamos (estávamos nos albos do presente século) que uma tal desumanidade não poderia mais ser repetida. Entretanto, já vamos rompendo o século XX, e, desde o seu ano de 1905, nossa vida outra coisa não tem apreciado que pequenos armistícios entre os povos considerados como civilizados. A guerra tem sido a latente preocupação do indivíduo de nossos dias. Ela aí está diante de nós, téticamente pretendendo convencer-nos de que vivemos para matar o nosso semelhante.

A própria Ciência, maior padrão distintivo do indivíduo humano dentro os séres manifestados na terra, sofre um desvio de objetividade capaz de conturbar a emotividade o menos rigoroso observador. Quando ontem a bacteriologia era o grande avanço em favor da conservação do vivente, hoje se transforma em uma das mais terríveis armas de guerra, potencialmente destinada ao aniquilamento de populações e animais. Quando ontem, a vitória do nosso patriótico SANTOS DUMONT era uma esperança de aproximação dos homens de todos os continentes, hoje é uma ameaça inqualificável a qualquer concentração urbana, objetivo, que pode ser, de arrastamento pelos bombardeios aéreos.

Quando, ontem, o domínio do homem sobre as ondas hertzianas criava a esperança de que, sem embargo das distâncias geográficas, todos os ideais humanos se poderiam encontrar para a consolidação moral do próprio gênero, submeteu-o o homem contemporâneo ao exercício da espionagem dos movimentos de tropas e outros mistérios na luta fratricida.

Mas, nem só. Enquanto os cientistas de antanho não são culpados do mau exercício que os contemporâneos fazem de suas inestimáveis conquistas intelectuais, os modernos porfiam em iniciá-las para manifestação de seus instintos destrutores, somente após procurando aplicá-las a fins pacifistas, como acontece, em nossos dias, com o aproveitamento da energia atômica.

Se desoermos, dos grandes, à apreciação do panorama constante da sociedade, abstraíndo os marcantes objetivos políticos, podemos concluir que a idealidade de um direito, incessantemente procurando estabelecer a concórdia e a garantia do essencial à vida de cada um, não alcança a sua meta, pois o que impera é a mais contrastadora injustiça, na vida social.

Não é preciso muito esforço para focar exemplos de indivíduos afeitos à prática das mais esplêndidas virtudes humanas, atirados a inenarráveis sacrifícios para a própria subsistên-

cia. Também, à luz solar, sem necessidade, mesmo, de maior atenção, supprenderemos o ímpio pavoneando suas riquezas e poderes.

O mapa-múndi, olhado a dentro das fronteiras que demarcam os grandes e pequenos Estados, observado nas instituições vigentes nos mais entrecrocados sistemas políticos, é a mais significativa aquarela do imperante exclusivismo egoístico, que anima cada indivíduo.

E por maior. A análise desta aquarela torna imperceptível a ação dos que pretendem vencer a conturbação social, pois o seu número é comparável a uma gota d'água no oceano.

Nem se pretenda objetar-nos a continuidade de esforços do idealismo, que se manifesta em todos os setores da atividade humana, porque, embora conhecendo-os, ainda não lhes vislumbramos uma efetiva potencialidade, real, de alcance da sua meta.

Bem sabemos que o ideal de Paz Humana está presente, com freqüência servido de sinceridade, em inúmeras proposições de reforma social, tão exuberantes, algumas, que chegam a conformar verdadeiras doutrinas dignas do nosso maior aprego, mas, observe-se, prevalentemente nelas o objetivo se confina na distribuição das condições de subsistência do indivíduo humano; ou seja, em mais equitativa atribuição de gozo das riquezas materiais.

Por condição muito própria da necessidade, a que estamos jungidos, de subsistir mediante a utilização da materialidade que nos ambienta, somos levados a crer que aí reside a incógnita do problema humano, para o estabelecimento da paz.

As doutrinas sociais, de maior e mais rápida projeção entre os homens, são aquelas que, com ou sem fundamento plausível, acenam a cada um com facilidades materiais, tidas como alícerce da felicidade. E o pior é que elas, freqüentemente, na prática, mais curulam o indivíduo humano das dificuldades para cuja supressão se transformaram em movimentos político-sociais.

Ninguém pode deixar de aplaudir, com o maior entusiasmo de que seja capaz, o exuberante movimento pacifista, originado das proposições do grande Presidente dos Estados Unidos da América do Norte, WOODROW WILSON, que se veio concretizar na LIGA DAS NAÇÕES, durante os vinte anos em que atentou para os mais variados aspectos do problema social e político, procurando solucionar todos os entraves a uma vida dignamente humana. Mas, por outro lado, ninguém ignora que as suas mais justas proposições em favor da reforma social foram impotentes barreiras à segunda conflagração mundial, que apesar de cessada, no campo militar, há mais de dez anos e das indescritíveis realizações da ONU, continua ameaçando-nos de inconcebível aniquilamento.

Embora não desconhecendo que nas dezenas de milhares de anos comprovadamente vividos pelo homem sobre a Terra, inumeráveis foram as transformações sociais e políticas por ele sofridas; embora sabendo que os mais indescritíveis cataclismos, repetidas vezes, transformaram a fisionomia geográfica do próprio globo terrestre; embora, mais próximo de nós, a proto-história e a história da idade antiga, nos atestem o desaparecimento de civilizações inteiras, subsistindo o gênero, não é, de todo, infundado o receio de aniquilamento a que nos conduz a ciência humana com a sua capacidade, terrorífica, de desagregação do átomo.

(Continua)

## Espiritismo como Filosofia

(Conclusão)

A Ética una, indestrutível, várias vezes, tem vindo ao mundo e o homem que a traz termina seus dias vitimado pela fúria da desordem. Os homens não a podem destruir, mas retalham-na, esmaltam-na.

O AMAI-VOS UNS AOS OUTROS, expressando em quatro singelas palavras uma Ética universal, é transformado em terrível teologia, com quatrocentos livros ou mais!

A Ética, assim esmaltada, é incapaz de influenciar o homem, e o homem erra até aprender. Resta-lhe aprender a libertar-se do erro!

A Ética da Codificação mostra-se caracteristicamente sábia. Cifra-se em seis palavras: FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO.

Um princípio assim claro, expressando uma conduta aplicável a qualquer nível social, simples e acessível a povos os mais díspares e para o qual não podem os homens levantar objeções nem restrições, garante à Codificação Kardecista um lugar de particular relevo na vida objetiva dos homens, individual ou coletivamente.

Podemos afirmar que Kardec deu ao mundo a Ética mais brilhante e sólida possível.

"AMAR AO PRÓXIMO COMO A NÓS MESMOS" — que era o máximo que se podia pedir ao homem nos primeiros tempos do Cristianismo — é passível, dentro da mentalidade hodierna, de restrições e condicionamentos.

"FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO" — que vem a ser a Ética da Codificação Kardecista, ou seja a Ética do Cristianismo de nossos dias — é impessoal, incondicional e, portanto, mais capaz de resistir à fúria das interpretações dos sofistas, por vaidade ou incompreensão.

—O—

A Filosofia da Codificação, pode dizer-se, é ressurgimento da velha Filosofia idealista e estoica.

Se é verdade que as grandes idéias vêm ao mundo como teses a abrir novos clarões ao saber humano; se é verdade que o mundo, absorvendo em si mesmo essas teses, apresenta, na fase da assimilação interna, o aspecto exterior das antíteses; e, se é verdade que mais tarde, nos períodos de convulsão e espasmo, que são os períodos de renovação coletiva, as teses ressurgem, depois das antíteses, como síntese; a Codificação de Kardec é a síntese maravilhosamente trabalhada, das grandes sementes lançadas ao mundo por todos os mártires da Verdade, do Bem e do Belo.

Feliz aquele que consegue modelar seu espírito por esta síntese e plasmar no mundo o seu exemplo!

Esse homem conhece o CAMINHO, a VERDADE e a VIDA!

Conhece Kardec e conhece Cristo!

Tem em si mesmo a bem-aventurança, o entendimento e a vida eterna!

# A Gênese do Esperanto

(Continuação)

Trad. de M. Rodrigues Monteiro

Direi, nesta altura, algumas palavras quanto ao material do dicionário. Já muito antes, ao alijar da gramática todo o lastro rejeitável, almejava eu aplicar também às palavras os mesmos princípios de economia. Convencido de ser indiferente que es-

tas tivessem esta ou aquela forma, e de ser suficiente admitir que exprimissem as idéias desejadas, "inventei", pura e simplesmente, vocábulos, cujos requisitos eram a suma brevidade e a ausência de letras inúteis. Dizia eu, de mim para mim, que uma idéia determinada podia perfeitamente ser expressa com uma palavra de duas letras em vez de o ser com uma de muitas letras. Em lugar de "interparoli" (conversar), por exemplo, poderíamos, se o quiséssemos, dizer e grafar "pa". Preparei, pois, a série matemática das, mais curtas, porém, mais facilmente pronunciáveis combinações de letras (a, ab, ac, ad, ... ba, ca, da, ... e, eb, ec, ... be, ce, ... aba, aca, ... etc.) e a cada uma delas atribuí significado bem definido. Logo, porém, pus de parte tal idéia, pois minha própria experiência não tardou a me demonstrar claramente que palavras dessa espécie são sumamente difíceis de aprender e mais difíceis ainda de lembrar.

Cheguei rapidamente à conclusão de que o léxico teria de ser basicamente latino-germânico, com as modificações indispensáveis para que atendessem às normas de regularidade e a outras exigências fundamentais da língua. Pouco mediei entre esta convicção e a observação de que os idiomas cultos possuem grande cópia de palavras já absolutamente internacionais, familiares a toda a gente — riquíssimo filão para uma futura língua internacional. Esse filão, é ocioso dizê-lo, comecei desde logo a explorá-lo.

No ano de 1878, a língua já estava, por assim dizer, pronta. Entre aquela "língua universal" primitiva e o atual Esperanto, porém, existia ainda enorme diferença. Fiz dela partícipes meus colegas (andava eu então no 8.º ano do liceu), tendo eles, em sua maioria, ficado seduzidos pela idéia e pela extraordinária simplicidade da língua. Começaram desde logo a aprendê-la, e com tal entusiasmo que, já a 5 de dezembro de 1878, todos nós, em conjunto, celebrávamos solenemente o advento do novo idioma, que foi, nessa festa, falado. Com ardor entoamos o hino que eu mesmo compusera, e cujas palavras iniciais eram as seguintes:

"Malamikete de la naĉoj  
"Kadò, kadò, jam temp' estas!  
"La to! homoze en familio  
"Konunigare so deb' (1).

Sobre a mesa da sala em que nos reuníamos viam-se, além dos manuscritos da gramática e do dicionário, algumas traduções na nova língua.

E assim se encerrou o primeiro período do Esperanto.

(Continua)

(1) No atual Esperanto isso significa: "Malamikete de la naĉoj, falu, falu, jam tempo estas! La tuta homaro en familio. Kununigi sin devas". O que, em português, daria, mais ou menos: "Inimizades entre as nações: / abatei! abatei!, que, enfim, a hora / de unir dos homens os corações, / numa família, chegou agora".

## PELO MUNDO

### INQUÉRITO EXTRAVAGANTE

Há muitos anos já, quando se instalou no cemitério de Pere Lachaise o forno crematório, foi feito, entre as celebridades de Paris, um original inquérito sobre se, depois da morte, teria alguém interesse em ser incinerado ou enterrado.

As respostas foram as mais diferentes possíveis. Vejamos algumas.

Victorien Sardou:

"Queimado, meu caro confrade, queimado! Terei muito prazer em ser completamente queimado!"

Alphonse Daudet:

"Inumado ou incinerado, para mim é indiferente. Qualquer das duas soluções me parece bastante desagradável!"

Coquelin:

"Tenho de tal maneira queimado o tablado do teatro desde que represento na casa de Molière, que me seria natural também ser queimado. Mas... mas essa idéia me dá frio no dorso! Não tereis por acaso algo mais alegre para me perguntar?"

Henri Meillac:

"A terra, está claro. Um ator dramático tem sempre o pavor de fraccassar".

Alfred Capus:

"Vossa pergunta lembra-me o famoso preceito de cozinha, especificando que o coelho pede para ser esfolado vivo enquanto a lebre prefere esperar. Peço permissão para proceder como a lebre".

Charles Richet:

"E' um costume bárbaro, é um vestígio dos selvagens o culto aos mortos. O cadáver é um corpo inútil, que deve ser abandonado. Nada de respeito! Em todas as religiões, em todas as tradições encontra-se esse inexplicável e infantil sentimento — o respeito ao cadáver... O culto do cadáver é uma loucura humana universal. Levantar estátuas ao morto é justo. Mas não nos preocupemos com as nossas cinzas. Elas nada têm de respeitável, no fim de 50 anos não é o cadáver senão fosfato de cal e magnésio. Prefiro, pois, ser queimado".

Um gaíto respondeu:

"Não sendo os meus ossos aproveitados para a fabricação de botões, prefiro ser incinerado; quanto ao resto, acho de bom conselho atirá-lo no lixo para se evitar maior sujeira".

O Espiritismo já tem um ponto de vista formado acerca da incineração. Os nossos autores, entre os quais Emanuel, estudaram bem o caso. Tra-

ta-se de uma questão de ordem fluidica. A Doutrina aceita a incineração, mas algumas horas depois da morte do corpo. Quem, por exemplo, já leu as obras de André Luís, conhece com objetividade a relação psicossomática existente entre um cadáver e o Espírito que deixou de pouco um corpo.

\*\*\*

LEOPOLDO MACHADO

Faleceu no mês de agosto, em Nova Iguaçu, Estado do Rio de Janeiro, o Professor Leopoldo Machado.

Leopoldo Machado, que há tempos se encontrava doente e sofrera delicada operação, resistiu até o fim aos sofrimentos corporais.

Era ele um dos mais lídimos representantes da Doutrina no Brasil. Trabalhador, combativo, ilustrado, deixou renome em obra de assistência social e literária. Fundou e manteve, sabe Deus com que sacrifício, o "Lar de Jesus", em Nova Iguaçu. Fez parte da Caravana da Solidariedade, que percorreu, juntamente com Carlos Jordão da Silva e Francisco Spinelli, diversas partes do Brasil em missão de unificação doutrinária.

Colaborou em numerosos órgãos espiritistas. Foi um incansável. Um abnegado. Jesus o tenha em boa conta.

As obras, entre folhetos, teses, opúsculos e livros, que publicou, e de que temos conhecimento, são as seguintes:

1. Para a frente e para o Alto. Contos e alegorias. 1934
2. Teatro espiritualista. I série. 1935
3. Sensacional polêmica. 1938
4. Nada lhe é, no momento, maior. Opúsculo de propaganda.
5. Doutrina inglória. Polêmica acerca do controle da natalidade. 1941
6. Guerra ao farisaísmo. Polêmica em verso. 1941
7. Ide e pregui. Impressões de viagem. 1942
8. O Natal dos Cristãos-Novos. 1943
9. O Espiritismo é obra de Educação. Tese. 1944
10. Teatro espiritualista. II série. 1944
11. Das responsabilidades maiores dos Espíritos do Brasil. Tese. 1944
12. Iluminação. Poesias. 1946
13. Observações e sugestões. Tese. 1948
14. Para o Alto. 1948
15. Cientismo e Espiritismo. Lisboa. 1948
16. Uma grande vida. Estudo biográfico de Cairbar Schutel. 1952.

A Comissão Central das Festividades do I Centenário da Codificação do Espiritismo, sobrecarregada de compromissos de toda ordem, com um montante de despesas que está ultrapassando sobremaneira os cálculos iniciais, apela para os distintos Confrades no sentido de lhe darem não só o seu apoio moral, comparando às festividades, propagando-as, mas também a sua contribuição financeira, adquirindo os bônus do Centenário, que são de Cr\$ 10,00, Cr\$ 20,00, Cr\$ 50,00 e Cr\$ 100,00.

Os bônus em apreço são o único meio material de que se dispõe para levantamento de numerário. Tem a C.C. ainda um extenso e importante programa a realizar, como:

- Feira do Livro Espírita.
- Exposição do Livro Espírita.
- Exposição de Obras Assistenciais Espíritas.
- Programas radiofônicos.
- Publicações e artigos nos jornais profanos.
- Publicação de opúsculos e livros doutrinários.
- Publicação do documentário do Centenário.
- Concertos e festivais para a propagação da arte espírita.
- Conferências semanais até o dia 3 de outubro.
- Encerramento das festividades no dia 5 de outubro.

## I Centenário da Codificação do Espiritismo

XI — Realização do II Congresso Brasileiro de Unificação. — Dia 17 — Federação Espírita do E. de São Paulo

XII — Concentrações. Semanas espíritas. Certames confraternativos.

As festividades do I Centenário da Codificação do Espiritismo iniciaram-se com invulgar brilhantismo no Estado bandeirante, sobretudo na Capital, onde nos meses de agosto e setembro se realizaram as seguintes palestras:

AGOSTO

Dia 3 — União Distrital Espírita da Sexta Zona

Tema: A Reencarnação e seus aspectos Científico, Filosófico e Histórico

Orador: Romeu de Campos Vergal

Dia 10 — Sinagoga Espírita "Nova Jerusalém"

Tema: Demonstração Científica da Sobrevivência. Hipóteses antiespíritas.

Orador: Sérgio Vale, que, por motivos supervenientes, não pôde comparecer, sendo substituído por Luís Monteiro de Barros.

Dia 17 — Federação Espírita do E. de São Paulo

Tema: A influência do Espiritismo na Orientação Educacional da Criança

Orador: Eliseu Rigonatti

Dia 24 — Federação Espírita do E. de São Paulo

Tema: A hereditariedade psíquica e física em face do Espiritismo

Orador: Ari Lex

SETEMBRO

Dia 2 — Biblioteca Municipal

Tema: Bibliografia espírita desde 1857

Orador: João Teixeira de Paula

Dia 7 — Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento

Tema: Função Social do Espiritismo

Orador: Jaime Monteiro de Barros

Dia 14 — Sinagoga Espírita "Nova Jerusalém"

Tema: O Espiritismo na Medicina

Orador: Wilson Ferreira de Melo

Dia 21 — Liga Espírita do Estado de São Paulo

Tema: O moço espírita em face do sentido e da função cristã do Espiritismo

Orador: Hemâni Sant'Ana

Dia 28 — Federação Espírita do E. de São Paulo

Tema: A Pedagogia em face do Espiritismo

Orador: Anselmo Gomes

As palestras supracitadas foram realizadas a inteiro contento, com muita concorrência.

A Comissão Central continua a reunir-se regularmente para tratar das festividades centenárias. Alguns escritores espiritistas, em resposta aos convites que lhes foram feitos, enviaram à Comissão os seus trabalhos referentes ao temário já publicado em o nosso jornal.

O encerramento das festividades se dará no dia 5 de outubro vindouro, às 20,30 horas, no Departamento de Esportes da Secretaria do Governo, no Parque da Água Branca, com entrada pela Rua Germaine Burckhard. O local foi gentilmente cedido pela Secretaria do Governo. Esperamos que os espíritas dêem, mais uma vez, no dia do encerramento, a mesma demonstração de fé e carinho com que assistiu à abertura das festividades do I Centenário da Codificação do Espiritismo.

## RELATÓRIO DA DIRETORIA EXECUTIVA

Assinado pelos Srs. Presidente e Secretário-Geral da USE, recebemos o relatório, que abaixo publicamos, relativo às atividades da União das Sociedades Espíritas de 10 de junho a 8 de setembro do ano corrente.

"Como das vezes anteriores passamos a esse Colendo Conselho o Relatório das atividades da Diretoria Executiva durante o período compreendido entre 10 de junho de 1957 e esta data.

### CELEBRAÇÕES DO 1.º CENTENÁRIO DA CODIFICAÇÃO DO ESPIRITISMO:

O programa elaborado pela Comissão Central vem-se desenvolvendo com regularidade, tendo-se, após o dia 8 de abril do corrente ano, realizado 20 reuniões comemorativas, nas quais oradores reconhecidamente espíritas têm dissertado sobre vários temas de capital importância para a divulgação, cada vez maior, da Doutrina Espírita.

Esperamos, ainda, realizar 5 reuniões até o dia 5 de outubro vindouro, quando, no Ginásio de Educação Física do Estado, na Rua Germaine Buchard, nesta capital, se dará a grande reunião de encerramento.

Também nos é grato levar ao conhecimento dos irmãos conselheiros que por todo o Interior do Estado essas comemorações receberam das Espiritistas grande dedicação e o máximo carinho, o que redundou em realizações de grande brilho e elevada significação.

### CONCENTRAÇÕES REGIONAIS:

Proseguindo na execução do programa de Concentrações elaborado para o período de maio de 1957 a junho de 1958, realizou-se na cidade de Cachoeira Paulista, no dia 4 de agosto último, a Concentração correspondente à 4.ª Região.

Por motivos independentes da vontade e ação desta Diretoria Executiva, não foi possível realizar-se a Concentração da 3.ª Região, que estava programada para o dia 7 de julho de 1957, na cidade de Limeira.

### I CONGRESSO ESPÍRITA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL:

Dando cumprimento a deliberação do plenário do último Congresso Espírita Estadual, a U.S.E. pretende realizar nesta Capital, nos dias 1, 2 e 3 de novembro do corrente ano, o I CONGRESSO ESPÍRITA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL, durante o qual serão abordados e debatidos assuntos de transcendental importância para esse setor da nossa Doutrina.

Para tanto, foi expedida a nossa Circular n.º 5/21, de junho p. passado, que, acompanhada do programa respectivo, foi enviada a todas as Instituições Espíritas de Benemerência do Estado de São Paulo, convidando-as a participarem do referido certame.

Essa circular com o mesmo programa foi, também remetida aos órgãos constitutivos da U.S.E. (Conselhos, U.M.Es. e U.D.Es.), a fim de que seus integrantes promovam intensa propaganda e incentivem as Instituições localizadas em suas jurisdições a enviarem seus representantes.

Lamentamos, todavia, informar que, até o presente, apenas uma instituição se manifestou sobre o assunto, acusando o recebimento da circular.

### SEMANAS ESPÍRITAS:

Realizou-se de 21 a 28 de julho último, a 4.ª Semana Espírita da cidade de Jacupiranga.

Pelo representante enviado por esta Diretoria Executiva, que foi o Sr. Sebastião Maggi da Fonseca, para proferir a palestra de encerramento no último dia, soubemos que a mesma alcançou grande brilhantismo, tendo um outro confrade que a assistiu nos assegurando o comparecimento de uma assistência de cerca de 3.000 pessoas.

Recebemos comunicação de que se encontram programadas as seguintes:

V Semana Espírita de Santos e São Vicente, para o período de 29-9 a 6 de outubro de 1957.

VII Semana Espírita de Santo André, para o período de 13 a 20 de outubro do corrente ano.

### C. F. N.:

Nada temos a informar sobre as atividades do órgão marginado, a não ser as ocorrências de rotina constantes das súmulas das atas publicadas, por não ter o nosso representante podido comparecer às 2 últimas reuniões.

### ROSA F. ZUNNO

Por carta que nos foi enviada pelo Centro Espírita "São José", tivemos ciência da desencarnação a 27-8-1957, da irmã Rosa F. Zunno.

A velha seareira dedicou grande parte de sua vida terrena às cousas da Doutrina Espírita, tendo fundado e presidido, durante muito tempo, o Centro Espírita São José, que ainda hoje funciona na rua Martin Buchard, 429, nesta Capital.

Foi uma criatura que muito acreditou no Movimento da Unificação e afastando-se dos encargos da vida corpórea, estamos certos de que lhe será permitido, no outro lado da vida, continuar a prestar sua colaboração à Doutrina que nos felicita e unifica.

### SEMANAS ESPÍRITAS

Deverá realizar-se no período de 22 a 29 de setembro, a Semana Espírita da Cidade de Jacaré, acontecimento que, dada a dedicação que os nossos confrades daquela cidade emprestam às comemorações doutrinárias, deverá alcançar grande êxito.

### CONSELHO METROPOLITANO ESPÍRITA:

Grande tem sido a atividade desse órgão, como se poderá verificar de documento em separado, que acompanha o presente.

### MOVIMENTO FINANCEIRO:

Em documento anexo, o confrade Waldomiro S. Santos, nosso 1.º Tesoureiro, apresenta demonstrações relativas às atividades desse setor da U.S.E.

Acreditando não haver qualquer outro particular digno de menção especial para o presente relatório, rogamos a Cristo Jesus nos abençoar e amparar sempre, a fim de que possamos bem desempenhar as tarefas que a Sua divina vontade nos oferecer".

### SEMANA ESPÍRITA DE SANTOS E SÃO VICENTE

Está marcada para o período de 29 de setembro a 6 de outubro próximo, a V Semana Espírita de Santos e São Vicente.

Grande tem sido a atividade que os nossos irmãos daquelas cidades vêm desenvolvendo para a efetivação dessa concentração confraternativa, o que nos faz prever um excepcional brilhantismo.

### VII SEMANA ESPÍRITA DE SANTO ANDRÉ

Realizar-se-á de 13 a 20 de outubro vindouro, a Semana Espírita em referência, tendo os dirigentes da União Municipal Espírita local organizado excelente programa, que contará todos os dias com a colaboração de oradores desta Capital, indicados pela USE.

E' mais uma realização que promete alcançar o significado de que são merecedores os postulados da Doutrina Espírita.

# Edição - Centenário de O Livro dos Espíritos

A EDITORA "ISMAEL" OFERECE AO PÚBLICO O FAC-SÍMILE DO VALIOSO DOCUMENTO AO LADO DA FIEL TRADUÇÃO DE CANUTO ABREU

Permitam-me exprimir a mesma idéia sob outra forma:

O Missionário não recolheu às cegas as lições espíritas que inovaram o velho sistema espiritualista e abalaram os alicerces da Rotina Cristã. Ao contrário, submeteu-as todas a seu fino senso crítico, a seu esclarecido julgamento de apreciação e à sua exegese cristã. Selecionou-as pelo fundo lógico e moral, relegando muitas, de essência duvidosa e oriundas, pela linguagem, de fontes espúrias. Sistematizou as melhores, por sua racionalidade e universalidade, e com elas elaborou a Filosofia Espírita.

Mas, na primeira edição, sua escolha foi submetida ao critério ulterior dos Espíritos Prepostos, que lhe indicaram, uma a uma as lições que estavam de conformidade com o Espírito VERDADE. Na segunda, as lições aprovadas em 1857 se fundiram, em parte, com outras novas, de fontes diferentes, e o conjunto, renovado ficou exclusivamente ao critério pessoal do Autor.

Assim:

O Espiritismo, na fase de doutrina "científica" (1848-1857), foi "Revelação Divina" como fato da "iniciativa dos Espíritos", independentemente da vontade humana. Na fase de doutrina "filosófica" (1857-1864), foi "conseqüência" das instruções dos Espíritos deduzida pelo Homem. Na fase de doutrina "religiosa" (após 1864), foi "aplicação", feita pelo homem, da *Doutrina Espírita* de 1857 aos fundamentos da Religião Natural.

E sabemos quem é esse Homem.

ALLAN KARDEC foi o verdadeiro exegeta da Revelação dos Espíritos. Todos os seus ensinamentos, em linguagem concisa, clara e didática,

### (CONCLUSÃO)

provieram, quanto ao fundo, diretamente de Espíritos Prepostos. Nada nos disse em suas obras exegéticas que, em princípio, não lhe houvessem dito antes, por meio mecânico ou sob forma explícita, os referidos Espíritos.

Assistido pelo Espírito VERDADE desde o começo até o fim de sua iluminada missão, e fiel ao ensinamento primitivo e particular dos Espíritos Reveladores, ALLAN KARDEC é uma autoridade apostólica. Suas palavras doutrinárias interpretam autenticamente os pensamentos daqueles Espíritos que a Providência, em determinada hora, incumbiu de virar, para a Humanidade, a terceira página das realidades de Outro Mundo.

O papel do Homem, na transmissão da verdadeira Doutrina Espírita em 1857, não fica de maneira nenhuma amesquinçado por ter sido o de secretário de Espíritos, mas, ao contrário, exalta do pela grandeza da missão. Missão que o enobreceu depois.

Para compreender bem essa questão de papéis, que constitui dificuldade essencial para o Principiante, é necessário, a meu ver, estudar antes de tudo o texto da Doutrina Espírita segundo os Espíritos Prepostos, ditado *palavra por palavra*, quanto às respostas, e aprovado *palavra por palavra*, quanto às apostilas e explicações. E considerar o seguinte:

— Ditado e aprovado por quem?  
— Pelos Espíritos Reveladores, prepostos pela Providência à Revelação e sob os auspícios do Espírito VERDADE.

— Ditado e aprovado quando?  
— Na hora precisa e impreterível. Toda revelação divina tem sua hora marcada inexoravelmente, ou não é providencial. A Hora Fatal da Terceira Revelação do LOGOS, com a Presen-

ça ou "Parussia", em nosso Planeta, do Espírito VERDADE, findou, a meu ver, com o último segundo do dia 18 de abril de 1857, pelo quadrante de Paris. Tudo quanto ALLAN KARDEC, investido de sua nobre missão e inspirado do Alto pelo Espírito VERDADE, escreveu a partir desse derradeiro segundo, tudo, sem exceção, foi feito segundo os fundamentos lançados por ordem e sob ditado no Primeiro LIVRO DOS ESPÍRITOS, mas de conformidade com o critério humano do Missionário.

\* \* \*

Eis aqui, em fac-símile, conforme o exemplar da *Bibliothèque Nationale* de Paris, essa obra fundamental.

Na tradução, decalquei servilmente, quanto possível, a letra e o estilo do Autor, sem me esquecer da recomendação de Tomás de AQUINO.

Praza ao Espírito VERDADE que meu humilde trabalho não haja prejudicado seu LIVRO e possa ser útil a alguns Leitores!

CANUTO ABREU

Fazenda Vila Branca, Natal de 1956.

P.S. — No espaço de tempo entre o pedido oficial de alguns Confrades (42) e a entrega dos originais à Editora (43), este modesto trabalho foi tudo quanto o Tradutor pôde preparar para a comemoração do primeiro centenário do LIVRO DOS ESPÍRITOS. Ele espera, entretanto, se DEUS o permitir, publicar um segundo volume, relatando a tradição histórica e esotérica do Primeiro LIVRO DOS ESPÍRITOS.

C. A.

(41) O pedido oficial do CONSELHO FEDERATIVO NACIONAL, do Rio de Janeiro, é datado de 9 de outubro de 1956, e o da UNIÃO DAS SOCIEDADES ESPÍRITAS DO ESTADO DE SÃO PAULO, de 15 do mesmo mês e ano.

(43) Em 19 de janeiro de 1957.

A F E I R A D A S N A Ç Õ E S S / A  
COMERCIAL E IMPORTADORA

Sua  
contribuição

OFERECE, PARA AS FESTAS DE FIM DE ANO, SUGESTIVAS CESTAS DE NATAL, AO ALCANCE DE TODAS AS BOLSAS  
RUA BARÃO DE ITAPETINGA, 14 — LARGO DO OUVIDOR, 7 — PRAÇA DA SÉ, 174

pró-  
Unificação

# DIVAGAÇÕES DE UM ESPÍRITA

João TEIXEIRA DE PAULA

Sir Arthur Conan Doyle, o famoso criador do não menos famoso Sherlock Holmes, foi um espírita entusiasta. Ernesto Bezzano tinha-o na conta de um "profundo cultore di ricerche metapsichiche" e declarava ser ele um "sensitivo notevole il quale fu più volte favorito da manifestazioni premonitrici".

Pois bem, Conan Doyle, cujas obras espíritas, com exceção de A NOVA REVELAÇÃO, não são conhecidas do público em língua portuguesa, escreveu um livro muito importante, publicado em Londres em 1921, a que deu o título de THE WANDERING RINGS OF A SPIRITUALIST (Divagações de um espiritualista). O *espiritualista* anglo-saxónico equivale ao neolatino *espírita*, *espírita*, *espírita*.

As divagações conan-doylianias são apenas no nome; as 317 páginas do volume, com numerosas fotografias, assim no-lo provam, porque o que há são especulações altamente profundas de um pensador e não meras evagações de um espiritualista qualquer. Já o mesmo não acontece com o autor do presente rabisco, o qual, na absoluta impossibilidade de seguir as pegadas do conhecido escritor inglês, se limita a tocar em variados temas. Aliás não pense o leitor que as nossas andanças literárias são resultado da falta de assunto; pelo contrário, são eles tantos que, enquanto não nos decidimos por algum, vamos divagando...

\* \* \*

Certo Michel Weackmann residia, em 1846, em Hydesville, viloca do Estado de Nova Iorque, nos Estados Unidos da América do Norte. Um dia batem-lhe à porta; vai abrir e nada vê. As batidas, que se generalizaram pela casa, assustaram-no tanto, que se viu obrigado a mudar de casa, que foi então ocupada, no dia 11 de dezembro de 1847, pela família Fox, composta de John Fox, esposa e duas filhas menores: Catherine, com 9 e Margaret, com 11 anos. Lea, a terceira filha, já era casada e residia em Rochester. Aliás o casal Fox tivera 6 filhos e não 3 como geralmente se pensa.

Mas a barulheira na casa continuou, ainda em escala muito maior e mais atemorizadora. Houve, provocado pelas meninas, estalejar de dedos. Ouviam-se pancadas assustadoras pelo assoalho pelo teto, pelas paredes, pelos móveis. A pobre mulher apegava-se desesperada, sem resultado, às orações; as meninas abraçavam-se trêmulas e chorosas e John não sabia o que fazer nem a quem acudir primeiro...

A Sra. Margaret Fox mandou chamar o filho David, que lhe declarou ser tudo aquilo imaginação... *declared that it was all imagination.*

Resolveram então mudar para Rochester, onde residia Leah, que ali lecionava piano. Mas na casa da outra filha os estraloços continuaram com a mesma regularidade, com a mesma intensidade, com o mesmo pouco-me-importa de além-túmulo.

O que aconteceu depois é muito conhecido com detalhes.

\* \* \*

## O FENÔMENO DA MESA GIRANTE

O fenômeno da mesa girante se manifestou do seguinte modo: estavam numa sala a Sra. Fox, Margaret, Catherine e duas conhecidas. Conversavam todas despreocupadamente com as mãos postas numa mesa, quando esta, sem que ninguém o esperasse,

se moveu por si só e se levantou, para espanto delas, num dos pés. Uma das presentes pediu à mesa que voltasse ao lugar, o que foi feito. O entusiasmo foi tamanho que começaram elas a pôr as mãos em tudo quanto era mesa para provocar movimentos ou suspensões. Assim apareceu o fenômeno da *mesa girante*. Entraram os interessados a comunicar-se com Espíritos por meio de determinado número de pancadas (tipologia) e mais tarde através de uma prancheta, na qual havia um abecedário disposto a propósito.

A espiritomania das mesas girantes foi fenômeno que divertiu muita gente por largos anos e, no dizer malicioso de um escritor francês, fez girar muitas cabeças...

\* \* \*

## O SUBCONSCIENTE

A noção do subconsciente é dos nossos tempos e foi introduzida por Pierre Janet. Tem ela o serviço de gerais indagações filosóficas.

E' o subconsciente, para Pierre Janet, uma "formação mórbida proveniente da desagregação ou separação permanente duma parte da personalidade, segmento que toma ao eu consciente o controle de certas funções orgânicas e psíquicas com a consequente formação, por vezes, de personificações parasitárias ou "personalidades secundas".

J. Grasset, indo nas águas de Janet, chamou o subconsciente de "polígono cerebral". J. Maxwel, que refutou a teoria de Janet, dá ao subconsciente o nome de "consciência impessoal".

\* \* \*

## UMA PEÇA ESPÍRITA

Em Barcelona, em 1926, foi levada à cena uma peça espírita inglesa, do sr. Sutton Vane, em que se falava da imortalidade da Alma, do resgate de faltas, etc. A peça chamava-se *A Viagem Infinita*. A revista espírita espanhola, *Hacia la Igualdad y el Amor*, de Barcelona, trouxe, no seu número de junho de 1926, uma notícia acerca da representação em aprêço.

\* \* \*

## SOBRINHO IRREVERENTE

Conta-se que um sobrinho (?) de Allan Kardec pronunciou em La Hachelle (França), no dia 13 de outubro de 1931, uma conferência sobre o Espiritismo, em que disse o diabo d'ele; convidou os presentes, entre os quais afirmava haver espíritas e médiuns, que o refutassem; mas nenhum o quis fazer.

O leitor interessado na patranha poderá compulsar *La Croix*, de 21 de outubro de 1931.

A ser verdade o fato, que sobrinho irreverente tivemos ali no conferencista, não? Mas qualquer espírita boboca o refutaria com vantagem!

\* \* \*

## O INFERNO

A história do Inferno pertence ao paganismo. Foi Homero, seguido por Virgílio, o primeiro na *Odisséia* e o segundo na *Eneida*, quem ressurgiu as figuras lendárias de Radamanto, Eaco e Minos, juizes encarregados de julgar crimes no Tártaro. As Almas, depois de terem purgado o seu crime no Inferno, voltavam à Terra, onde

tomavam um corpo. Porém, antes de saírem dos lugares tartáreos, perdiam elas a lembrança da vida anterior, o que conseguiam bebendo as águas do Letes — o rio do Esquecimento.

\* \* \*

## NOSSA SENHORA APARECIDA

Os espíritas temos a obrigação moral e doutrinária de estar ao corrente de fatos e cousas para sabermos distinguir o errado do verdadeiro, a asneira do que o não é, o inconsequente do consequente. Vai aí a história de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil... segundo a Igreja Católica, Apostólica, Romana.

Em 1717 o Capitão-General Dom Pedro de Almeida Portugal, Conde de Assumar, foi nomeado Governador da Capitania de São Paulo. Percorrendo o Interior do Estado, chegou, a 12 de outubro daquele ano, a Guaratinguetá, onde, por questões de impostos, ordenou-lhe fôsse levada a pesca do Rio Paraíba. Mas o rio não se apresentava piscoso. Na altura do porto de José Correia Leite, um dos pescadores, João Alves, que estava com mais dois, Domingos M. Garcia e Filipe Pedroso, ao retirar das águas a rede, percebeu nela unicamente um corpo de imagem, que guardou; lançando novamente a rede, retirou a cabeça da imagem. Daí por diante a pesca-ria foi rendosa.

A imagem deram o nome de Senhora Aparecida, por haver aparecido nas águas daquele rio.

Nossa Senhora Aparecida foi coroada como Padroeira do Brasil no ano de 1904, na presença de 12 Bispos e um Abade. A coroação foi feita por Dom José de Camargo Barros, Bispo de São Paulo. Mas o título de Padroeira só lhe foi dado no dia 8 de setembro de 1929, quando se comemorava o jubileu de 25 anos de coroação da imagem. Estavam presentes então 25 Bispos. No dia 16 de julho de 1930 o Papa Pio XI declarava Nossa Senhora Aparecida como Padroeira do Brasil.

O padre Alves Vilela, Vigário da paróquia, dirigiu ao Bispo do Rio de Janeiro, em 1743 (o bispado de São Paulo só fora fundado em 1745), um requerimento, solicitando autorização para a construção de uma capela. Passou-se a provisão no dia 5 de maio daquele ano e a capela foi erigida no morro dos Coqueiros, doado pela Senhora Margarida Nunes Rangel.

O novo templo, então na Aparecida do Norte, começou a ser construído em 1846. No dia 8 de dezembro de 1888 terminaram a sua construção. Foi bento pelo Reverendíssimo Dom Lino Rodrigues de Carvalho, Bispo de São Paulo.

\* \* \*

## PENSAMENTOS DE UM ESPÍRITA

Pensamentos de Camille Flammarion:

1. *Admitir é uma coisa e outra coisa é explicar. Os fatos se nos impõem, mesmo que os não expliquemos: Passa um homem por uma rua e cai-lhe na cabeça um vaso de flores: é-lhe forçado a registar o fato antes de adivinhá-lhe a origem e como a vertical e a horizontal se cruzaram justo sobre a sua cabeça.*
2. *A Humanidade é antes de tudo grosseira, bárbara, ignorante, covarde e hipócrita.*

# UNIFICAÇÃO

Órgão da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo — USE

Redação: DEPARTAMENTO DE PUBLICIDADE

CONSELHO DE REDAÇÃO:

Abraão Sarraf  
João Teixeira de Paula  
José Herculanô Pires  
Luiz Monteiro de Barros

Redação: Rua S. Amaro, 362 - Cx. P. 3.946  
Telefone: 37-8637 — São Paulo

Assinatura anual no País ..... Cr\$ 40,00  
Assinatura anual no Exterior ... Cr\$ 60,00  
Número avulso na Capital ..... Cr\$ 3,00  
Número avulso no Interior ..... Cr\$ 4,00

NOTICIÁRIO — Todos os órgãos da Use e entidades adscritas devem enviar noticiário de suas atividades de maneira sempre resumida, bem informativa, sem comentários.

COLABORAÇÃO — Todos os confrades podem colaborar. Os trabalhos devem ser datilografados em dois espaços, numa só face do papel e não ultrapassar duas folhas do tamanho de officio.

Impresso na LINOGRAFICA EDITORA  
Rua Alfrante Barroso, 478 — S. Paulo

3. *Os mortos continuam a viver.*
4. *Um átomo radioativo encerra enorme quantidade de energia intra-atômica, capaz de arrasar uma cidade.*
5. *O desconhecido de ontem é a verdade de amanhã.*
6. *O que nos importa é tudo estudar, discutir, analisar, sem idéias preconcebidas.*
7. *E' preciso não ser crédulo nem incrédulo, estudar sem prevenções, ser, antes de tudo, livre e independente.*
8. *O essencial ao progresso das idéias é não se deixar circunscrever, por clássica cegueira, a evidência dos fatos.*
9. *O mundo psíquico é mais importante e mais vasto que o mundo físico.*

\* \* \*

## CLARIVIDÊNCIA

O que R. Tischner, sábio alemão, entende por clarividência:

"Entendemos por Clarividência o conhecimento extra-sensorial de fatos objetivos dos quais não fomos informados, sendo que a percepção pelos sentidos comuns é excluída. Esses fatos (acontecimentos, objetos) devem pois fugir completamente à ação dos sentidos, quer estejam esses acontecimentos e objetos perto do médium (criptoscopia), quer estejam a uma distância que os torna inacessíveis aos sentidos (telescopia, clarividência no espaço), quer enfim estejam afastados no tempo (clarividência no tempo); no último caso, é necessário ainda distinguir a vidência no passado (retroscopia) e a vidência no futuro (profecia)".

\* \* \*

Não queremos finalizar as nossas embaralhadas divagações sem dizer aos leitores de UNIFICAÇÃO o que o grande Victor Hugo costumava, nas suas experiências de Nova Jérsei, declarar aos amigos:

REVELA-SE IGNORANTE OU MENTIROSO TODO AQUELE QUE NEGA A REALIDADE DOS FENÔMENOS PSÍQUICOS.

E' um dito duro de roer, aliás até um pouco indelicado, mas é verdadeiro e é de VICTOR HUGO.